

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007

Representações sociais presentes na crônica esportiva

Miguel A. de Freitas Jr.*

Resumo: Este artigo apresenta uma proposta metodológica, que visa auxiliar no trato da crônica esportiva como uma fonte literária privilegiada para se perceber os sentimentos presentes em um determinado momento social. Para atingir este objetivo, trabalhou-se com a crônica intitulada: “Complexo de Vira-latas”, de autoria do dramaturgo Nelson Rodrigues. Apresentou-se um quadro teórico, que pode subsidiar a análise deste tipo de documento. Este quadro foi criado levando-se em consideração que é fundamental respeitar o momento da produção literária; quem a produziu; a quem se destina e se algo significativo foi omitido. Entende-se que a riqueza deste tipo de análise está no processo tenso criado entre a indeterminação presente no futebol, a liberdade de criação do autor da crônica e a flexibilidade do conceito de verdade estabelecido pela Nova História Cultural. Percebeu-se que através deste tipo de documentação é possível analisar vários dos dilemas presentes na nossa sociedade e que o futebol é um objeto que possibilita a determinação de singularidades presentes na cultura brasileira.

Palavras-chave: Literatura – história – futebol.

Abstract: This article presents a methodological proposal, that seeks auxiliary in the treatment of the chronicle sportiv as a privileged literary source to notice the present feelings in an of-finished social moment. To reach this objective, one worked with the entitled chronicle: " Complex of Tykes ", of playwright's Nelson Rodrigues authorship. He/she came a theoretical picture, that can subsidize the analysis of this document type. This picture was created taking itself in consideration that is basic to respect the moment of the literary production; who produced her; to who is destined and if something significant it was omitted. One understands each other that the wealth feels analysis type it is in the process tense servant among the present indetermination in the soccer, the freedom of the author's of the chronicle creation and the flexibility of the established truth concept for the New Cultural History. It was noticed that is possible to analyze through this documentation type several of the present dilemmas in our society and that the soccer is an object that makes possible the determination of present singularities in the Brazilian culture, in other words, it assisted in the definition of the one that is be Brazilian, transforming the identity in something concrete, and disclosing for the world the virtues of your people, that were expressed through the players of the Brazilian Selection.

Key-words: Literature – history – soccer.

Introdução

* Professor Adjunto de Fundamentos Sociológicos e Antropológicos da Educação Física e dos Esportes na UEPG, Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná. mfreitasjr72@ibest.com.br

Após a Segunda Guerra Mundial, muitas “verdades” históricas foram colocadas em xeque. A sociedade se deparou com reivindicações de vários grupos emergentes, dentre os quais se destacaram os movimentos dos negros, dos homossexuais, das mulheres, das populações minoritárias... Ao levantarem novas questões, estes grupos acabaram criando uma crise para as Ciências Sociais e Humanas, que não encontraram em seus consagrados métodos, instrumentos que lhes permitissem compreender o que estava acontecendo. Estes acontecimentos acabaram legitimando o processo de esgotamento que vinham sofrendo os modelos clássicos que visavam explicar os fatos como verdades absolutas.

Dentro da historiografia especificamente houve uma guinada hermenêutica, fazendo com que se buscassem respostas em lugares inusitados e/ou que fossem realizados estudos de indivíduos que anteriormente eram desprezados. Em síntese, foi necessário repensar a função da história, seja nos seus modelos explicativos, nas suas fontes documentais, nos seus objetos de análise... Para Chartier criou-se o tempo da dúvida:

“Este é o momento de um questionamento da função da história, do que é, hoje, a história como disciplina, e da perda de um certo número de certezas, a perda principalmente, do valor estruturante dos paradigmas até então em utilização”¹.

Neste sentido, entende-se que para realizar uma análise da história do esporte/futebol brasileiro é necessário distanciar-se de todas as contingências que possam induzir as certezas e posicionamentos definitivos. O que nos remete para questões metodológicas bastante delicadas, tendo em vista a incipiência desta abertura para novos temas e fontes de pesquisas.

Busca-se neste estudo, apresentar algumas possibilidades metodológicas que possam auxiliar na utilização da literatura como uma fonte privilegiada, que pode ajudar a revelar os sentimentos presentes em uma parcela da sociedade de uma determinada época. No Brasil, é recorrente a necessidade de pensar a especificidade vivida para conseguir determinar quem somos, o que somos e porque somos desta ou daquela maneira. Durante muito tempo isto foi tarefa dos intelectuais, que buscavam respostas a partir da singularidade brasileira, para isto utilizavam a literatura, o cinema, a fotografia, o esporte o teatro..., como formas de representar os acontecimentos do cotidiano.

¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

Para poder realizar o exercício teórico proposto neste artigo, trabalhou-se com uma das crônicas mais significativas (no que se refere a questão da identidade nacional), escrita pelo dramaturgo Nelson Rodrigues e intitulada: “Complexo de Vira-Latas”.

A Crônica

A crônica foi analisada levando-se em consideração que ela é um documento de época, escrita no “calor” dos acontecimentos. Sendo uma fonte marcada pelas ideologias do jornal/autor, conseqüentemente do seu universo cultural. Verificou-se que muitas das crônicas escritas sobre o futebol, além de tratar das questões tributárias do esporte, acabaram se tornando um espaço para a reflexão sobre a identidade, as afirmações e os dilemas nacionais.

Entre os autores que escreviam crônicas esportivas de cunho sociológico², escolheu-se como interlocutor deste estudo, o cronista Nelson Rodrigues³. Devido a sua significância neste campo⁴. Como indica Antunes:

“... Nelson percorreu sistematicamente sobre o significado do futebol no Brasil e de como uma nação inteira se identifica com esse jogo, podendo mesmo ser explicada por meio dele. Talvez sem perceber ou mesmo sem pretensão de formular teorias sobre o assunto, Nelson construiu uma interpretação da brasilidade pelo futebol”⁵.

² Recentemente descobriu-se que muitos intelectuais escreviam sobre o futebol para diferentes jornais. Entre eles destacam-se: Carlos Drummond de Andrade - escreveu no Jornal Correio da Manhã, entre os anos de 1954 e 1969 e também no Jornal do Brasil, entre 1969 e 1984. José Lins do Rego, escreveu no Jornal dos Sports, entre 1945 e 1957. Mário Rodrigues Filho, escreveu a partir de 1928 no Jornal A Manhã, ainda em 1928 acompanha seu pai que abre um novo Jornal, chamado A Crítica, em 1931, vai para o Jornal O Globo, em meados de 1931 ele lança o seu próprio jornal esportivo que durou apenas oito meses, em 1936 ele compra o Jornal dos Sports, onde escreve até a sua morte em setembro de 1966.

³ Nelson Rodrigues nasceu na cidade do Recife - PE, em 23 de agosto de 1912, morreu em 21 de dezembro de 1980, no Rio de Janeiro. Era o quinto filho dos catorze que o casal Maria Esther Falcão e o jornalista Mário Rodrigues tiveram. Uma boa definição deste cronista é proporcionada pelo seu filho, na introdução do livro “O Profeta Tricolor”, ao mostrar que: Nelson Rodrigues será eternamente lembrado como o dramaturgo maior, pai do moderno Teatro Brasileiro; como romancista; como cronista de costumes; como alguém que valorizou e deu encanto todo especial ao folhetim; como um frasista de mão cheia e suas metáforas; como criador de diversas personagens que povoam nossa literatura, mas, como marca igualmente indelével, está o cronista esportivo e, sobretudo o ferrenho defensor do Fluminense... FILHO, Nelson Rodrigues (org.). **O profeta tricolor: cem anos de Fluminense**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁴ Entre as várias funções desempenhadas por Nelson Rodrigues em sua vida como cronista esportivo, na década de 50 destaca-se a sua passagem como redator em jornais cariocas de grande circulação, como o Jornal dos Sports e o Jornal Última Hora. Além de possuir uma coluna fixa, na revista Manchete Esportiva, que era a revista esportiva de maior circulação nacional naquele momento.

⁵ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o Brasileiro não há quem possa!:** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. p210.

Atualmente houve uma redescoberta deste autor, que passou a ser fonte de vários estudos⁶, os quais realizam análises principalmente sobre a questão da identidade brasileira, tendo o esporte como eixo norteador. Para quem realiza este tipo de abordagem, é fundamental levar em consideração os cuidados apresentados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, quando este relata que:

“...Uma investigação efetivamente inspirada pela preocupação de romper com a ideologia carismática da criação e da leitura criadora, deveria tomar precauções para não se deixar impingir, no momento da definição do seu objeto, os limites em que se move a biografia, o que implica na decisão de tomar como unidade uma obra individual ou a obra de um autor particular ou mesmo um aspecto particular de uma ou outra. Antes é preciso situar o corpus constituído no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as relações entre a posição deste corpus neste campo e a posição intelectual do grupo de agentes que o produziu. Em outros termos, é necessário determinar previamente as funções de que se reveste este corpus no sistema das relações de concorrência e de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual que por sua vez, também ocupa uma dada posição no campo do poder”⁷.

Este tipo de preocupação acabou nos remetendo a elaboração de um quadro teórico (provisório) que pudesse auxiliar na análise dos documentos. Este quadro foi sendo construído a partir de categorias que emergiram da análise das fontes.

Quadro teórico de análise⁸

Localização global do texto no contexto em que ele foi produzido

O final da década de 50 e início da década de 60 é um momento de mudança no discurso político brasileiro. Neste processo de transição, vive-se o esgotamento do nacional

⁶ Entre os estudos produzidos recentemente sobre este autor vale a pena conferir: MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: EDUC, 2000. VOGEL, Daisi. **Uma leitura do tempo e do espaço na obra de Nelson Rodrigues**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 1997. ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o brasileiro não há quem possa**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1999.

⁷ BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974, p. 185.

⁸ Por uma limitação espacial, está sendo exposta somente a idéia central de cada categoria. Buscou-se não reduzir o número de categorias, por entender que esta metodologia pode vir a auxiliar outros estudiosos que estejam trabalhando com este tipo de fonte.

populista varguista e a entrada do discurso desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (JK), que estava amparado principalmente nos estudos produzidos pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)⁹.

A idéia de desenvolvimento econômico normalmente estava associada a idéia de riqueza nacional construída pela industrialização - nação desenvolvida é necessariamente nação industrializada. Por isso, era fundamental criar um homem maior que a natureza e livre de suas determinações. Se a natureza tem lógica própria, vencer a natureza implica em impor a ela a lógica do homem, aquela que através do trabalho e da técnica lhe permite superar a “condição de pobreza” que a natureza coloca. Foi com base nestes pressupostos que JK apresentou o seu Plano de Metas como base de sua Plataforma de governo. Prometendo fazer o país crescer 50 anos em 5 de governo.

- Quem está falando

Neste artigo optou-se em trabalhar com uma das crônicas de Nelson Falcão Rodrigues¹⁰, ou simplesmente Nelson Rodrigues como ficou conhecido no mundo literário. Este autor nasceu em Recife, no ano de 1912 e morreu no Rio de Janeiro em 1980. Começou sua carreira de jornalista aos treze anos de idade, tendo uma trajetória ligada a família e principalmente a atuação do seu irmão Mário Filho¹¹.

É importante salientar que devido a um problema de saúde (tuberculose), Nelson Rodrigues perdeu 30% da visão, devido a uma questão de vaidade ele não aceitava usar óculos e tal fato fazia com que ele não conseguisse assistir plenamente um jogo realizado no Maracanã. Porém, isto não era problema para ele, pois de acordo com os princípios de Nelson “no jogo de futebol o pior cego é aquele que só vê a bola”¹².

⁹ O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) foi criado em julho de 1955 como órgão do Ministério da Educação e Cultura. Foi um dos núcleos mais importantes da elaboração da ideologia nacional-desenvolvimentista que marcou a política brasileira desde a morte de Getúlio Vargas (1954) até a deposição de João Goulart (1964). Entre os seus fundadores estão Hélio Jaguaribe, Candido Mendes, Nelson Sodré... A esse respeito cf. BELOCH, Israel e ABREU, Alzira Alves (coord.). DHB – Dicionário Histórico Bibliográfico Brasileiro: 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense Universitária/Cpdoc, 1984.

¹⁰ Nelson Rodrigues escreveu várias crônicas de futebol à partir de 1940, até a sua morte aos 68 anos de idade. A partir de 1955 ele passou a escrever diariamente sobre esportes, inicialmente no Jornal dos Sports, escrevendo durante 11 anos neste jornal.

¹¹ A respeito da vida de Nelson Rodrigues, vale a pena conferir: CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹² *Ibidem*.

Realizar um estudo tendo a crônica esportiva como referência central, é algo que só se tornou possível, devido as premissas estabelecidas na Nova História Cultural, que colocou em xeque o conceito de verdade, como sendo algo absoluto e único. Abrindo espaço para a utilização de conceitos como o de Representação, no qual o indivíduo tem a possibilidade de contar os fatos a partir daquilo que ele viu, ou seja, não há uma verdade e sim várias possibilidades de se reconstituir um mesmo acontecimento.

A representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. As representações dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando a reflexão.

A força da representação não se dá pelo seu valor de verdade, ou seja, da correspondência dos discursos com o real. Tal pressuposto implica em eliminar do campo de análise o entendimento entre o real e o não real, uma vez que a representação tem a capacidade de substituir à realidade que representa, construindo um mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem. A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações apresentam múltiplas configurações, pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos sociais. Aquele que tem o poder (simbólico) de dizer e fazer crer tem o controle da vida social, o que implica que este indivíduo/grupo vai tentar impor os seus valores, normas, projetos ideológicos ... que podem orientar o gosto, a percepção, definindo limites, autorizando comportamentos e os papéis sociais.

- Em nome de quem está falando

Nelson Rodrigues escrevia diariamente em uma coluna chamada “Nelson Rodrigues dá Bom Dia”. Inicialmente as suas matérias estavam localizadas no canto direito, de uma das páginas do Jornal (não ocupando um lugar destaque). Este fato vai paulatinamente sendo modificado, começando com a vitória brasileira no campeonato mundial de 1958 e consolidando-se com a conquista do bi-campeonato em 1962. Momento em que suas crônicas passa-

ram ocupar três colunas centrais da página 4 ou da última página, vindo sempre acompanhadas de uma charge sobre o tema tratado.

O Jornal dos Sports foi criado com o nome de “Rio Sportivo” sendo naquele momento um periódico que ia para as bancas duas vezes por semana. Administrado por Argemiro Bulcão, que após meses a frente do jornal, visualizou uma possibilidade de ampliar e fortalecer a imprensa esportiva. Por volta de 1930 Argemiro propõe parceria a Ozéas Mota, dono das oficinas onde eram impressos os jornais. Eles lançam então o Jornal dos Sports, ficando com ele até 1936, momento em que Mário Filho e Roberto Marinho, tornaram-se proprietários deste Jornal¹³.

Na década de 50 o Jornal era dirigido por Mário Rodrigues Filho. Após a derrota na Copa do Mundo de 1950, a sua linha editorial diminuiu a exaltação ao brasileiro. Através da influência dos escritos de Nelson Rodrigues, o jogador torna-se “um ser místico”, deixando de ser um herói militar e passando a realizar grandes façanhas dentro do campo. São criados mitos como Pelé, Garrincha, Zito, Zagalo... Destacam-se as crônicas de Vargas Neto, Nelson Rodrigues e Mário Filho.

Quais as relações que são estabelecidas entre: emissor e receptor

As crônicas de Nelson Rodrigues sempre foram marcadas pela forma com que ele descrevia os fatos, utilizando-se constantemente de hipérboles para não deixar dúvidas sobre as “suas verdades”.

Seu texto tem uma aproximação com a dramaturgia (teatro), sendo expresso de forma poética. Ele utiliza uma linguagem popular (contrário de erudito), apresentando um certo caráter funcional, através de exemplos vivenciados no cotidiano, de onde ele retira as imagens que darão suporte para os seus argumentos: “... *Só imagino uma coisa: - se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, re-bentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício*¹⁴” .

¹³ Jornal dos Sports. **Uma seqüência para a história**. Disponível em:

<<http://www.jsports.com.br/superman/js/história.html>>. Acesso em 15 jun. 2006.

¹⁴ RODRIGUES, Nelson Falcão. Complexo de vira-latas. In: CASTRO, Ruy. **À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

O início da sua crônica era sempre através da palavra “amigos”, como se fosse uma espécie de conclamação aos seus leitores, e a partir daí ele mantém um diálogo persuasivo, revelando certa intimidade e confiança no destinatário.

As crônicas deste autor são marcadas pela multiplicidade de sentidos, fator fundamental para quem escreve a crônica jornalística, pois ele necessita criar as imagens para o leitor. No caso específico do espetáculo esportivo, estas imagens não tem um planejamento prévio, pois dependem do que acontece no desenrolar do jogo para a sua construção emotiva. Cabe salientar que a crônica futebolística sobrevive da emoção, algo que Nelson aprendera com o teatro, pois para ele a vida era um drama que podia ser expresso no palco, na rua, no campo de futebol...

Uma das características centrais da crônica de Nelson Rodrigues é a utilização de metáforas como uma forma de transferência do sentido da palavra, não na sua forma denotativa, mas na relação que se torna possível estabelecer através do efeito de sentido:

“Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer eu nós nos julgamos os maiores é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Já na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão”¹⁵.

A idéia de inferioridade dos brasileiros frente ao estrangeiro, já havia sido destacada no projeto romântico brasileiro do século XIX. A originalidade de Nelson Rodrigues está no contexto em que ele trabalha esta idéia, utilizando-se de um ambiente não convencional - campo de futebol, para relatar sobre a cultura nacional e internacional. Para Nelson: “Ser ou não ser vira-latas?” Era uma das principais dificuldades em definir o nosso caráter nacional. Esta questão mal resolvida dificultava as nossas conquistas nos diferentes âmbitos sociais.

O autor busca convencer os seus leitores através do seu discurso. Para isto, ele utiliza-se de uma criação imagética, através da exposição de posicionamentos metafóricos que

¹⁵ RODRIGUES, Nelson Falcão. Complexo de vira-latas. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, p.4.

acabam potencializando o sentido, quebrando a linearidade do texto, criando novas apreensões visuais e sintáticas, através de imagens totalmente inusitadas. Nelson constrói um cenário que lhe permite estabelecer um discurso político através da crônica esportiva, pela qual ele mostra que não conseguimos definir quem somos, pois somos locais, mas utilizamos referências universais, ou seja, nós brasileiros não somos burgueses como os europeus, mas também não podemos nos representar através do primitivismo, pois para ele já superamos este estágio da civilização, só não conseguimos acreditar. A riqueza de suas crônicas está nesta tensão entre o que somos e o que idealizamos ser.

Conclusão

Na História Cultural, a relação com a literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de revelar o mundo, que guardam distintas aproximações com o real. Fala-se do acontecido e do não acontecido, tendo a realidade como referente a confirmar, a negar, a ultrapassar, a deformar. Neste estudo, verificou-se que a relação entre o jogo e da atuação dos jogadores, foi reproduzido nas crônicas de acordo com a bagagem cultural e ideológica de Nelson Rodrigues, ou seja, elas demonstram uma das possibilidades de se representar fatos sociais ocorridos em um determinado momento e que foram expressos por um intelectual de significativo capital simbólico, fato este que muitas vezes nos leva a cristalizar determinados acontecimentos como sendo verdades inquestionáveis, que se mitificam no imaginário coletivo.

O estudioso que se vale da literatura como fonte pesquisa, deve levar em conta que a sua preocupação não pode ser a determinação de um fato, de um personagem real passado, ou conferir se algo terá ocorrido da forma como foi retrato. Pois se estes forem os seus objetivos, não é esse tipo de documento que se deve subsidiar a análise.

Porém, se a opção de trabalhar com a História Cultural como uma forma de resgatar as representações passadas, o reduto das sensibilidades e o investimento primário na significação do mundo, a Literatura é uma fonte realmente especial, que pode dar ao historiador aquele algo a mais que outras fontes não fornecerão.

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, seus preconceitos, medos e sonhos. Porque se fala disto e não daquilo em um texto. O

que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido. Para além das disposições legais ou códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma.

A literatura é testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Ela é tomada a partir do autor e da sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época.

Neste sentido, pode-se perceber através das fontes que o futebol foi um elemento fundamental para a internacionalização do Brasil. Servindo inicialmente como um catalisador da formação do ideário nacional, apresentando um brasileiro que não se aceitava e uma crônica esportiva que tentava mostrar as características brasileiras através de uma diferenciação dos europeus. Neste sentido, criou-se uma situação paradoxal, pois no futebol todos os países do mundo gostariam de ser como os brasileiros, porém os brasileiros invejavam o comportamento e as atitudes dos europeus, situação que Nelson Rodrigues chamou de “Complexo de Vira-Latas”.

Para este autor, a derrota voluntária que o brasileiro se colocava voluntariamente frente ao estrangeiro, impedia que ele assumisse a sua identidade. Porém, após a conquista do campeonato mundial de 1958 (na Suécia), o Brasil descobriu-se e os brasileiros passaram a se orgulhar de si e da sua nação. Entendeu-se que o futebol-arte, que a molecagem, a ginga, a malandragem e a miscigenação eram elementos centrais da brasilidade, que teve como símbolos o Negro Pelé e o mestiço Garrincha que mesmo com uma deformação nas pernas, mostrou aos brasileiros que devemos nos aceitar como somos e que se formos determinados, acreditando no nosso potencial, nada impedirá o nosso sucesso.

Para Nelson, não foi somente uma questão de renovar as tradições do esporte, mas de cultivar uma imagem de um país vitorioso que conseguiu vencer o trauma do fracasso. Situação que o estimulou a cunhar a expressão “A Pátria de Chuteiras”, frase que expressa o orgulho em ser Brasileiro.

Referências bibliográficas:

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **Com o Brasileiro não há quem possa!:** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe. In: **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico:** a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

RODRIGUES, Nelson Falcão. Complexo de vira-latas. In: CASTRO, Ruy. **À sombra das chuteiras imortais:** crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida.** Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.